

# FHC rebate críticas de diretor do FMI

*Presidente nega que campanha eleitoral tenha influenciado política econômica, mas admite atropelo na desvalorização do real*

Para uma platéia de 300 empresários, o presidente Fernando Henrique Cardoso rebateu ontem, na Confederação Nacional das Indústrias (CNI), as críticas do diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, segundo as quais as eleições retardaram a correção nos rumos da economia brasileira, tornando a situação mais difícil.

Sem citar diretamente Camdessus, o presidente disse que a campanha eleitoral não influenciou a política econômica e negou que a posição do governo tenha prejudicado a população.

Mas admitiu que a desvalorização do real foi feita de atropelo e não soube dizer quando os juros vão cair — embora dissesse que eles vão recuar. O discurso, de 50 minutos, foi feito na abertura do seminário *O futuro da indústria no século 21*.

“Fui eleito e reeleito. O povo não elege alguém porque é a favor de Krugman (o economista Paul Krugman) ou contra Krugman. Porque é a favor de Keynes (John Maynard Keynes, também economista) ou contra”, disse o presidente. E emendou: “Ele (o povo) é a favor do estômago ou contra. É a

favor do trabalho ou contra. São coisas concretas. De vez em quando, vejo nos jornais que teria havido influência de comportamentos eleitorais na tomada de decisões. Ledo engano”.

Apesar de admitir que a economia vive uma “relativa depressão”, disse que o Brasil alcançará um superávit fiscal de 3% do Produto Interno Bruto (PIB) em 1999, como acertado com o Fundo Monetário Internacional (FMI). E, quando afeta o povo, é mais doença, mais mortalidade infantil, mais dificuldade para a população”. Ele lembrou que o mercado emite os sinais, “mas o governo os corrige e põe os limites para essa espécie de voracidade”.

## RECADO

O presidente foi aplaudido quando disse que o sistema tributário brasileiro é deformado e irracional e que, por isso, é preciso reformá-lo já.

Mas mandou um recado aos governadores: a seu ver, a reforma tributária vai fracassar se estados, municípios e União ficarem brigando por mais recursos.

E afirmou que o governo federal não quer garantir mais verbas para si, defendendo o aumento da base

de arrecadação dos impostos e não a carga tributária. Disse ainda que o primeiro passo é a aprovação da lei de responsabilidade fiscal pelo Congresso.

Reafirmou ainda que o governo federal quer a reforma tributária e por isso vai designar alguém para ser o interlocutor do Palácio do Planalto no Congresso. “O governo não vai deixar de assumir a liderança da reforma tributária, mas precisa do apoio do Congresso e da sociedade. Apesar das turbulências financeiras, já se vê luz no fim do túnel”.

## CRESCIMENTO

Segundo o presidente, apesar da importância da reforma tributária e do crescimento econômico, o maior compromisso do seu governo é com o povo mais pobre do país: “Vamos ver se os programas destinados à população estão sendo atingidos. Temos consciência moral de que estamos dirigindo um país desigual”.

Ele afirmou não se preocupar com a questão da popularidade e garantiu que o cenário atual não está afetando a sua estabilidade emocional.

Sempre aplaudido, o presidente Fernando Henrique Cardoso arriscou a fazer um balanço positivo do seu governo: “Conseguimos quebrar vários tabus, realizamos privatizações e criamos agências reguladoras, desburocratizando o relacionamento do governo com o mercado”.

Joédison Alves 24.11.98



FHC: Aplausos ao afirmar que sistema tributário é deformado e irracional

## REELEIÇÃO

*“O povo não elege alguém porque é a favor de Krugman ou contra Krugman, porque é a favor de Keynes ou contra Keynes. Quer saber se é a favor do estômago ou contra o estômago”*

## REFORMA

*“O governo não vai deixar de assumir a liderança da reforma tributária, mas precisa do apoio do Congresso e da sociedade. Apesar das turbulências financeiras, já se vê luz no fim do túnel”*

## PROGRAMAS

*“Vamos ver se os programas destinados à população estão sendo atingidos. Temos consciência moral de que estamos dirigindo um país desigual”*

## BALANÇO

*“Realizamos privatizações e criamos agências reguladoras, desburocratizando o relacionamento do governo com o mercado”*

Fernando Henrique Cardoso,  
Presidente da República